

# A turistificação de São Miguel do Gostoso/RN: a internacionalização da “cidade dos ventos”

Marcelo da Silva Taveira<sup>1</sup>

Resumo: O texto discute dados empíricos com base em pesquisas bibliográfica, documental e de campo, e, por meio de diálogo junto aos acadêmicos e pesquisadores do campo científico que desenvolvem estudos sobre o fenômeno turístico contemporâneo. São Miguel do Gostoso, destino turístico localizado no litoral oriental norte do Rio Grande do Norte, apresenta-se como importante destino turístico nos segmentos de sol e praia e aventura, do litoral nordestino, sobretudo, para a prática de esportes de natureza náutica como *kitesurf* e *windsurf*, que dependem de condições climáticas e geográficas, especialmente, da presença e da intensidade da ação dos ventos. Esse destino é conhecido, internacionalmente, pela forte e intensa presença dos ventos alísios, que são propícios para a realização de diversos esportes de aventura, geração de energia eólica e o desenho da paisagem local. O objetivo central da pesquisa é compreender o desenvolvimento do turismo em São Miguel do Gostoso pela via do processo de turistificação, o que resultou em uma discussão sobre essa categoria conceitual em consonância com as evidências empíricas e nos estudos teóricos de Remy Knafou que se dedicou também a compreensão desse tema relacionado ao campo do saber turístico. Nessa perspectiva, serão apresentadas algumas evidências empíricas, resultados de análises de natureza *qualiquanti*.

Palavras-chave: São Miguel do Gostoso; Paisagem; Turistificação; Esportes; Internacionalização.

## 1 Introdução

O turismo além de se espalhar pelo espaço litorâneo e se configurar como uma das principais atividades econômicas do Nordeste do Brasil, também se interioriza, incipientemente, para as demais regiões do Rio Grande do Norte, promovendo dessa forma, o surgimento de empresas especializadas, postos de trabalho, oportunidades de negócios e geração de divisas. O Rio Grande do Norte apresenta-se no mundo globalizado com uma oferta turística expressiva, estruturando territórios e efetivando políticas públicas para o ordenamento e fortalecimento da atividade turística em todas as regiões geográficas do estado, especialmente na faixa litorânea, a qual abrange a instância de governança turística “Polo de Turismo Costa das Dunas”, cujo território que concentra a maioria dos atrativos e serviços turísticos especializados no segmento de Turismo de Sol e Praia.

A pequena e “pacata” vila de pescadores como é conhecida até os dias atuais, foi distrito do município de Touros (denominada na época de São Miguel de Touros), situando-se na divisa dos territórios dos municípios de Parazinho e Pedra Grande, limites geográficos que até a presente data é motivo de discussão política e impasses entre os gestores públicos e populações residentes desses municípios. Emancipado no ano de 1993, adquiriu juridicamente, o *status* de cidade, de município independente, agora São Miguel do Gostoso,

---

<sup>1</sup>Doutor em Ciências Sociais (UFRN). Professor Adjunto do Curso de Turismo da UFRN/CERES. CV: <http://lattes.cnpq.br/3603092470145208>. E-mail: [marceloturismo@yahoo.com.br](mailto:marceloturismo@yahoo.com.br).

o que provocou transformações profundas na organização espacial, na configuração geomorfológica, sobretudo, na paisagem, principal atrativo turístico da recente cidade.

São Miguel do Gostoso é o terceiro destino turístico mais visitado do Rio Grande do Norte, depois de Natal e Pipa (destinos indutores segundo o Ministério do Turismo), mas ganha a cada ano mais expressão internacional no segmento de turismo de aventura de natureza náutica como *Kitesurf*<sup>2</sup> e *Windsurf*<sup>3</sup>, atividades de expressiva relevância econômica e turística na região. Os esportes de aventura que têm como pano de fundo além dos ventos, outros elementos da natureza como o sol e o mar, apresentam-se no contexto atual, especialmente, a partir dos anos 2000, como uma verdadeira coqueluche para a atração de turistas nacionais e internacionais, que visitam a cidade ao longo do ano.

A partir dos anos de 2010, outras atividades de aventura também começaram a ser praticadas com maior frequência pelos visitantes como: *Stand Up Paddle*, cicloturismo e trilhas ecológicas são alguns dos exemplos. As atividades têm influenciado o aumento do fluxo turístico diversificando a oferta de atividades desenvolvidas na natureza.

A localização geográfica de São Miguel do Gostoso é seu principal diferencial competitivo no cenário turístico, pois se situa na chamada “esquina do Brasil”, ponto mais próximo dos continentes africano e europeu, justificado também pela frequência e intensidade dos ventos alísios durante o ano inteiro, o que faz com que a alta temporada turística local se estenda por seis meses (setembro a fevereiro), aproximadamente.

São Miguel do Gostoso (figura 1) é um dos 167 municípios do Rio Grande do Norte e está localizado a 102 km da capital potiguar (Natal), na Mesorregião Leste Potiguar e Microrregião Litoral Nordeste, cuja área territorial total é de 343,750 km<sup>2</sup>. Limita-se ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul e Leste com o município de Touros e ao Oeste com os municípios potiguares de Pedra Grande e Parazinho. (IDEMA<sup>4</sup>, 2008).

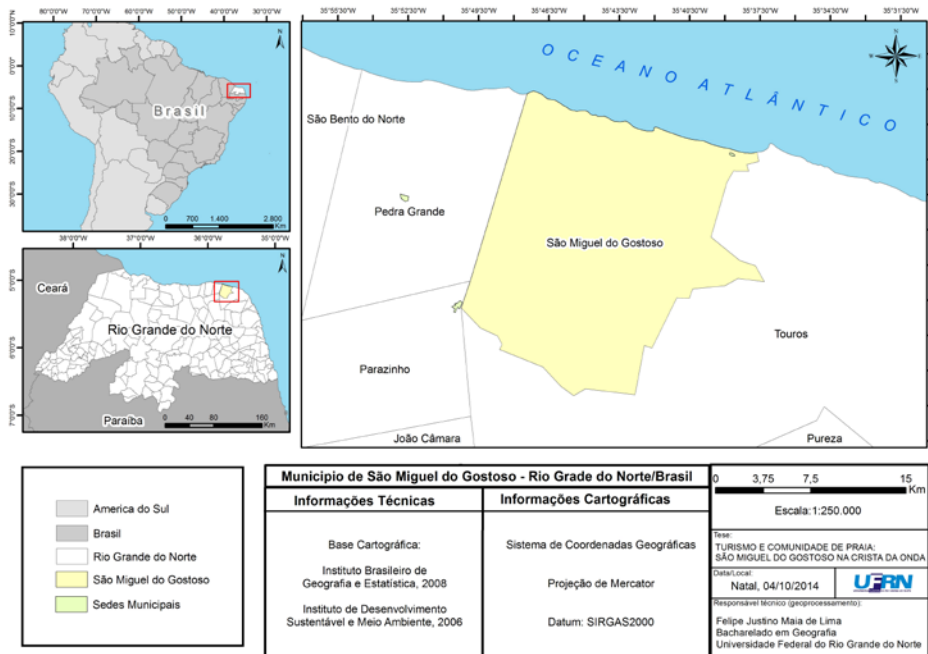
Figura 1: Mapa de localização da área de estudo

---

<sup>2</sup>Junção de duas palavras inglesas: *kite*, que significa pipa e *surf*, que quer dizer navegar. Na prática, o kitesurfista utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa inflável (semelhante a um parapente) possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar voos que se traduzem em movimentos singulares. Ou seja, o vento é o motor, e o grande fator de emoção do *kitesurf*. O cenário pode ser o mar, um rio, um lago, uma represa (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA).

<sup>3</sup>Ventos e ondas são os principais ingredientes dessa atividade que uniu a prancha do surf à vela do iatismo. No Brasil, a atividade começou a ser praticada no final dos anos 1970 (ABETA).

<sup>4</sup>Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte.



Fonte: IBGE

A população residente de acordo com o Censo 2010 do IBGE era de 8.670 habitantes, mas a contagem populacional para o ano de 2015 foi de 9.427 moradores, aproximadamente (estimativa da população residente). Com localização privilegiada do litoral potiguar, região conhecida popularmente como “esquina do Brasil ou do continente”, encontra-se próximo ao km 0 da BR 101, tendo como principal acesso a Rodovia Estadual RN 221 (via de acesso entre a BR 101 e a sede municipal de São Miguel do Gostoso). O município possui as seguintes coordenadas geográficas: latitude = 5º 07’ 29” Sul e longitude = 35º 38’ 21” Oeste. Tais coordenadas contribuem para a presença de ventos fortes e contínuos na região de São Miguel do Gostoso, assim como a localização geográfica privilegiada, ou seja, na “esquina do continente sul-americano”, o que tem contribuído de forma determinante para a prática de esportes e atividades de aventura nas praias do município.

No que concerne ao plano metodológico, a pesquisa aborda técnicas distintas que se fundamentam no levantamento preliminar de referências bibliográficas sobre o objeto estudado, porém estas são consubstanciadas pelo caráter empírico de observações que foram realizadas *in loco* e por meio da realidade vivenciada durante as atividades de campo para o levantamento dos dados primários.

A pesquisa documental foi realizada por meio de consultas a textos oficiais de órgãos públicos como IBGE e IDEMA, o que subsidiou a construção deste trabalho por meio de um conjunto de dados sobre o município de São Miguel do Gostoso.

Os estudos de Remy Knafou foram revisitados para uma melhor compreensão do processo de turistificação, o que possibilitou por meio de aprofundamento teórico e análises críticas, a pujança de mais uma contribuição a respeito dos estudos sobre esse relevante tema, que tem sido caro para os pesquisados no campo do turismo e áreas afins.

Sendo assim, faz-se necessária a reflexão teórica a partir deste ponto para uma melhor compreensão dos efeitos da atividade turística via processo de turistificação, impulsionado pela internacionalização do turismo em São Miguel do Gostoso e, por conseguinte, a apresentação de algumas evidências empíricas, resultados de pesquisas de campo de natureza *qualiquanti*.

## **2 O turismo e a cidade dos ventos**

O desenvolvimento do turismo em territórios mundiais, focado no “Modelo de Turismo de Sol e Praia” como se referem diversos autores dessa área de conhecimento, inclusive nos discursos e documentos oficiais do Ministério do Turismo, ganha cada vez mais notoriedade na perspectiva econômica internacional e nacional, dada sua importância na economia de vários países, especialmente, nos espaços de produção e reprodução da atividade turística em proporções de menos envergadura territorial como é o caso das médias e pequenas cidades do nordeste brasileiro (TAVEIRA, 2015).

O turismo além de ser uma atividade econômica, também é um fenômeno sociocultural, e como tal, é construído, historicamente, pela ação dos sujeitos sociais e agentes econômicos por meio de processos capitalistas que evoluem no decorrer dos anos, sofrendo as intempéries globais e influenciando as particularidades locais. Portanto, as relações capitalistas produzidas na sociedade são também de natureza dialética, como são os discursos teóricos e a realidade empírica do turismo.

O turismo na “cidade dos ventos” ou em “Gostoso”, como é comumente conhecido entre turistas e residentes, projetou-se, internacionalmente, como destino de turismo especializado em turismo de aventura e de esportes de natureza náutica, a partir da década de 2000, após ser contemplado com investimentos do poder público e da iniciativa privada, o que contribuiu com a melhoria da infraestrutura urbana e com a rede de serviços da cidade. A presença constante dos ventos alísios que desnudam o litoral de São Miguel do Gostoso é a responsável pela instalação de parques eólicos (figura 2) de capital nacional e estrangeiro, atraindo grandes investimentos e gerando efeitos economicamente viáveis e, socialmente insustentáveis em longo prazo.

Figura 2: Parque de Energia Eólica em São Miguel do Gostoso



Fonte: Portal G1-RN

Os esportes *windsurf* (figura 3) e *kitesurf* (figura 4) são as principais modalidades esportivas responsáveis pela atração de turistas brasileiros e estrangeiros, o que movimentava a economia e a vida cotidiana desse destino turístico, que passa por intenso processo de turistificação, promovido pelas políticas públicas setoriais, agentes de mercados, residentes e turistas, atores que fazem parte desse processo.

Os ventos são os atributos naturais, a força motriz para o desenvolvimento dessas modalidades esportivas em São Miguel do Gostoso, um destino turístico ambientalmente preservado e desenhado por paisagens autênticas, que despertam o interesse junto aos turistas pelo consumo de um conjunto natural de elementos que o compõe (clima, relevo, praias, ventos e o sol).

Figura 3: Prática do *Windsurf*



Fonte: Clube Kauli Seadi

Figura 4: Manobra no *Windsurf*



Fonte: Escola Gostoso de Instrução Esportiva

Os esportes ilustrados nas imagens mencionadas são praticados por nativos e visitantes nacionais e estrangeiros, sendo uma das principais fontes de riqueza do turismo local, impulsionando o comércio da cidade e a rede de serviços turísticos. Os ventos também são responsáveis pela matriz energética da região e contribui para a dinâmica da economia local por meio de instalação de parques de energia eólica, que aquece o setor econômico, mas também promove impactos ambientais, especialmente na paisagem, e de ordem social devido o aumento do fluxo de trabalhadores que circulam, diariamente, na cidade.

### **3 O processo de turistificação em São Miguel do Gostoso**

O conceito turistificação defendido aqui como processo, condição necessária e inerente ao desenvolvimento da atividade turística em determinado espaço geográfico, é discutido neste trabalho com base em pressupostos teóricos relativos ao domínio do território pelo fenômeno turístico, que é materializado pela *práxis* (fusão de teoria e prática) de ordem econômica e política.

É fundamental entender de que forma a intervenção estatal por meio de políticas públicas de turismo repercute em espaços litorâneos em processo de turistificação ou já turistificados, e como essas políticas aceleram a segregação espacial e acentuam, ainda mais, as desigualdades socioculturais das comunidades existentes nas localidades litorâneas contempladas na pesquisa.

Segundo Almeida Filho (2014, p. 16) a turistificação é percebida como “o processo de implantação da infraestrutura turística em lugares com potencial turístico, ou seja, é a apropriação deste espaço, bem como a sua transformação, para atender aos interesses de pessoas de outras localidades que praticam o turismo”.

O conceito apropriação é empregado para designar o uso cotidiano que é dado ao território, motivado pelas novas lógicas de uso impostas pelo turismo. Para Cruz (2001, p. 75): “o uso efêmero desses espaços e a inserção dessa nova atividade econômica na vida do lugar, impõe-lhe transformações, uma adaptação à nova realidade em construção”. Tomada

esta explicação como premissa teórica, discutiremos sobre como se dá a apropriação do território para o uso turístico no litoral potiguar.

O geógrafo francês Remy Knafou comentou sobre o tema turistificação no texto: “Turismo e Território – por uma abordagem científica do turismo”, em 1996, no qual iniciou a discussão teórica no cenário científico brasileiro sobre o processo de turistificação, uma contribuição do olhar geográfica para os estudos epistemológicos do turismo.

A turistificação é a materialização de espaços eleitos para a produção e consumo turísticos. A relação entre turismo e território possui três fontes que alimentam esse processo: **os turistas** que estão na origem do turismo, promovendo a criação de lugares turísticos; **o mercado** como sendo a segunda fonte de criação desses lugares, que tem por finalidade principal a concepção e na colocação de produtos turísticos, deixando as questões relativas às práticas turísticas em si em segundo plano; **e os planejadores e promotores territoriais**, que tratam de iniciativas locais, regionais ou mesmo nacionais no esforço de planejamento cuja ideologia é o desenvolvimento local. Essas três lógicas são fundamentais para a compreensão da existência do turismo e dos lugares turísticos, nas quais a ligação dos três atores mencionados é desigual e, em todos os casos, o processo de turistificação não vem do próprio lugar (KNAFOU, 1996, p. 69-71).

Com base na reflexão teórica de Knafou (1996), entende-se que a turistificação é um processo que passa pela apropriação do espaço geográfico, transformando-o, histórico e socialmente, em território turístico por três vias lideradas por atores sociais (turistas, mercado e, planejadores/promotores do território), que na percepção do autor, esse processo se origina de forma exógena e repercute na realidade local em que o turismo se materializa.

Corroborar-se com Knafou ao afirmar que a turistificação é um processo de apropriação de um dado espaço geográfico para fins turísticos, e devido à condição de apropriação imprime um novo território quando existe esforço político e estratégico para isso, cujos agentes de produção desse território são exógenos ao espaço selecionado pelo e para a produção e reprodução do capital privado, os quais possuem origem exógena à lógica do próprio espaço (visitantes, mercado e planejadores/promotores).

Entretanto, discorda-se em relação a não inclusão da população residente como ator social que também produz e reproduz dinâmicas socioculturais e políticas do cotidiano que fazem parte do processo de turistificação de diversos espaços apropriados para fins turísticos, que resultam em territórios construídos, histórico e socialmente, para atender interesses multifacetados imbuídos de relações de poder (dominação e subordinação).

Nesse sentido, Gomes (1997, p. 14) ratifica a posição entendida por território defendida nesta tese, que segundo a pesquisadora é: “a qualificação do espaço pelo trabalho resulta no território. A construção do território se dá num quadro de relações representadas pela exploração, dominação e apropriação”. Sendo assim, o território que é fruto do espaço modificado pela inserção do trabalho, traduz relações humanas no campo do poder (incluindo todos os elementos que fazem parte da construção do poder).

Essa categoria conceitual da ciência geográfica, território, que tem na organização do espaço sua origem e nas relações de poder seu sentido, é indispensável para o entendimento do processo de turistificação, uma vez que, o espaço apropriado para fins turísticos resulta em determinado território (turístico) por meio desse processo gerenciado por atores diversos (capital privado, poder público, turistas e residentes).

A influência dos atores sociais envolvidos no processo de turistificação de um dado lugar, não possui na maioria das vezes, o mesmo peso político e econômico e sociocultural, pois os residentes fazem parte de um grupo social, ou seja, de moradores e/ou “nativos” que apesar de fazerem a opção pelo turismo, enquanto atividade econômica, são excluídos da elaboração das políticas e dos processos decisórios (dominados de maneira hegemônica pelo capital privado e pelo Estado), o que caracteriza um paradoxo no contexto da democracia e da participação plena dos atores.

Para corroborar com a reflexão posta, faz-se necessário explicitar qual o papel desses atores sociais no percurso de construção de um território turístico de determinado espaço geográfico apropriado responsável por processos de turistificação:

- a) Agentes Públicos (Estado) – o Estado em todas as suas esferas e ramificações de poder é o principal ator no que diz respeito ao planejamento, organização e gestão dos territórios turísticos construídos pela via das políticas públicas setoriais, quer sejam essas políticas focadas diretamente no setor turístico, quer sejam direcionadas às atividades afins (infraestrutura básica, educação, saúde, segurança, inclusão social, cultura...). Nesse sentido, os agentes públicos que representam a ação do Estado são atores que produzem o território turístico por meio de intervenção política e investimentos financeiros, que visam estrutura e organizar o espaço geográfico para atender às demandas turísticas, o que resulta em uma construção de determinado território para fins turísticos, orientada pelo processo de turistificação pelo qual o território foi apropriado e modificado para atender os interesses políticos, econômicos e sociais do Estado;
- b) Capital Privado (Empresários e Setor Produtivo, o Mercado) – representado pelos atores que compõem o *trade* turístico (grupo de negócios e empresas turísticas), o empresariado que vê no turismo uma forma de produção e reprodução do capital, atua nesse setor produtivo na área de Serviços, cuja oferta desses serviços se estrutura por meio de equipamentos de hospedagem, transportes, alimentação, lazer, entretenimento, além da intervenção junto ao Estado no campo do fomento de políticas públicas e investimentos direcionados ao setor turístico. O binômio de poder Capital Privado – Estado, configura-se como a mais poderosa ferramenta de apropriação do espaço, transformando-o em território para uso turístico. O processo de turistificação, muitas vezes, essa parceria é movida de forma unilateral e hegemônica pelo capital privado (o mercado), com a cumplicidade do Estado. Outras vezes, o Estado se torna um empecilho ao desenvolvimento do capital privado, ao não fomentar políticas setoriais como na economia, por não liberar investimentos de expressiva envergadura para o crescimento turístico e o aparelhamento da infraestrutura adequada, ao não compartilhar da mesma ideologia do modelo de desenvolvimento adotado, por não facilitar a liberação de



licenças ambientais com maior agilidade e flexibilidade e, por não incentivar o capital privado a se reproduzir por meio de incentivos fiscais e tributários das mais diversas naturezas. Essa relação complexa entre o capital privado e os demais atores, sobretudo, o Estado, interfere diretamente no processo de turistificação, em que o território é formado, essencialmente, por interesses similares ou antagônicos aos desejos do capital privado, sendo o território a arena de conflitos e de poder forjado pelos interesses públicos e privados da sociedade;

c) Residentes – a população local (moradores) dos destinos de viagem em processo de turistificação ou turistificados, também se apresenta como importante ator nesse processo, uma vez que, o território turístico é construído social e, historicamente, pelos residentes em sua vivência cotidiana, ora pela via do trabalho, ora pelo viés das relações socioculturais e humanas que produzem esse território. Isso acontece quando o espaço geográfico possui elementos, especialmente, da natureza, que são apropriados para o uso turístico, e nessa relação dialética homem-natureza, a população por meio de sua experiência e relação com o espaço de interesse turístico, contribui para o processo de turistificação, pois o residente constrói, modifica e é modificado por esse processo que atinge não apenas a quem lida diretamente com o fenômeno turístico, mas que reside em ambientes turistificados e integram os territórios como atores sociais de forma passiva (indiferente ao que acontece) ou ativa (atua diretamente nas discussões, organizações sociais e, muitas vezes, força de trabalho). Esse ator foi desprezado por Remi Knafo em sua teoria sobre o processo de turistificação, mas nessa análise ele tem papel indispensável para a construção de territórios turísticos, pois se é o trabalho que os anima, que dá vida ao espaço, é a população, as pessoas que dão sentido e significado ao fazer turístico. E nessa perspectiva, o residente é compreendido como um ator que ao fazer parte do processo de turistificação de dado espaço geográfico, ele muitas vezes, também é turistificado (aquisição de novos hábitos e costumes, incorporação de outras culturais, crise de identidade), o que alguns autores denominam de aculturação;

d) Turistas – consumidores de produtos e serviços turísticos que visitam destinos de viagem com potencial ou com a atividade turística consolidada. Os turistas contribuem diretamente com fenômeno de apropriação do espaço para fins comerciais, sobretudo no campo do turismo, pois ao consumir o espaço (principal objeto de consumo do turismo), ele colabora com a construção do território turístico e, por conseguinte, com todo o processo de turistificação dos espaços. Assim como o capital privado, o turista também é seletivo e modifica o espaço, o que imprime ao fazer turístico à condição imprescindível de produção e reprodução do espaço (turistificado ou não). Levando-se em consideração que o espaço é formado, especialmente, pelas vidas que o anima, o turista, bem como, os demais atores sociais, é fundamental para a viabilização de existência do território turístico, pois ele também se apresenta no cenário contemporâneo como uma das forças desse jogo de poder, que movimenta o capital privado e alimenta às ações intervencionistas do Estado. Sua permanência no destino de viagem é intermediada pelos agentes do mercado e, sobretudo, pela relação com a população residente, quer seja pelo

mundo do trabalho, quer seja pela interação sociocultural alicerçada pelos princípios da hospitalidade, ou seja, a relação *sine qua non* entre visitante-anfitrião, movidas pelas premissas: acolher, receber, alimentar e entreter (CAMARGO, 2004).

Os quatro principais atores sociais, aqui apresentados, são partes diretamente envolvidas no processo de turistificação na perspectiva da apropriação do espaço para fins turísticos e, da construção do próprio território turístico (cenário de relações força e poder – dimensões ideológica, política e econômica). Esse processo não se materializa com a mesma forma e conteúdo nos espaços selecionados pelos atores, de forma isolada ou coletivamente, pois depende da composição do espaço geográfico, das condições de apropriação para fins turísticos e, de sobremaneira, do território turístico construído (ou em construção) do ponto de vista histórico e social.

Entende-se que turistificação é uma das categorias conceituais de análise do turismo, embora pouco explorada no campo científico. Enquanto categoria analítica, a turistificação assume a natureza de processo e, no que corresponde a seu caráter conceitual, deve-se compreendê-la nos domínios da forma e do conteúdo.

A turistificação conceituada com base na forma significa como se deu o processo de apropriação do espaço pelo turismo, ou seja, refere-se ao espaço geográfico que foi fragmentado para atender os interesses do capital privado e dos demais atores sociais envolvidos no processo, quer tenha sido de forma imediata ou, gradativamente. Nesse caso o espaço pode assumir diferentes formas e cenários de cunho geográfico (urbano, litorâneo, ecológico, histórico etc.), pois tem haver com a construção espacial e a geomorfologia do lugar apropriado. A partir da apropriação, o espaço em turistificação ou turistificado, abrigará diferentes territórios, dentre eles, o turístico, uma consequência política, econômica, e ideológica desse processo.

O conteúdo do processo da turistificação é um misto de complexidade e dialética, uma vez que, pode possuir fatores nos campos da política, economia, tecnologia, cultura, social, ambiental e, do simbólico (BOURDIEU, 2010), isoladamente ou em integralmente, o que afere ao espaço ou lugar turistificado a condição de território construído pelo e para o turismo. Esse processo é o principal responsável pela dinâmica, especialmente, econômica da atividade turística contemporânea, com destaque para os destinos de viagens de massa inspirada nos moldes de produção e de consumo fordistas.

Nesse sentido, o quadro a seguir demonstra a construção da turistificação enquanto processo pelas vias da forma e do conteúdo.

Quadro 1: Processo de Turistificação

ESPAÇO GEOGRÁFICO	
Processo	Resultado

<b>TURISTIFICAÇÃO</b>	<b>Forma</b>	Seleção de ambientes urbano, rural, litorâneo, serrano ou outro fragmento geográfico que desperte os interesses do capital e/ou do Estado.	Espaços apropriados pelo capital e/ou Estado para fins turísticos, cujas transformações afetam diretamente residentes e visitantes.
	<b>Conteúdo</b>	Princípios ideológicos nos campos político, econômico, social, cultural, ambiental, institucional, simbólico e, da legalidade.	Construção de territórios turísticos, que compõem a arena de forças e poder, relações e interesses que fazer parte da produção e reprodução do capital.

Fonte: TAVEIRA, M. da S., 2015.

A descrição detalhada de forma didática apresentada no quadro sobre o processo de turistificação evidencia que esse processo pode ser compreendido por meio de dois eixos conceituais (forma e conteúdo) e, que em ambos os casos, os processos imprimem resultados quanto ao espaço apropriado e a construção de territórios turísticos, uma potente engrenagem que aborda questões de interesses políticos, econômicos e sociais, o que reflete um cenário dinâmico e contínuo de relações de poder.

Em São Miguel do Gostoso, o capital privado foi (ainda o é) a força motriz no que concerne à apropriação do espaço, especialmente, o de domínio natural, para uso turístico, impulsionada posteriormente pelos agentes públicos que viabilizaram políticas voltadas à organização do espaço e do setor produtivo do turismo. Os turistas contribuíram, com certa timidez, para o processo de turistificação nas décadas de 1980 e 1990, mas obtiveram mais destaque a partir dos anos de 2000, depois da emancipação política do município e das ações de divulgação realizadas por empresários e jornalistas, o que provou uma expressiva procura pelo recente destino turístico. A população residente, inicialmente, voltada para a cultura da pesca, participou do processo de turistificação se inserindo pela via do trabalho e, mais tarde como anfitriã, na qualidade de “povo hospitaleiro”, denominação aferida pelos residentes e turistas.

#### **4 Algumas considerações**

A paisagem se apresenta no litoral de São Miguel do Gostoso como um patrimônio paisagístico e coletivo dos moradores, sendo alvo de especulações e interesse turístico. Todavia, a relação paisagem-turismo é polêmica, muitas vezes conflitantes e tem sido objeto de estudo para cientistas das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, compreender, conceitualmente, o fenômeno turístico no âmbito de uma cultura de consumo de massa e seus reflexos na paisagem, que constitui uma relação dialética e complexa no contexto socioeconômico e ambiental do mundo contemporâneo.

Discutir e entender a dinamicidade da atividade turística tem sido um dos grandes desafios dos últimos anos enfrentados pelos pesquisadores e estudiosos do fenômeno turístico, uma vez que exige métodos científicos apropriados, dados empíricos e análises

sobre o desenvolvimento do fenômeno em determinados espaços turistificados ou não, sobretudo no que diz respeito aos anseios de conciliar turismo e desenvolvimento sustentável com inserção e participação ativa das populações residentes em espaços litorâneos, na perspectiva da construção de um capital turístico, categoria conceitual do campo do turismo.

A presença constante e a intensidade dos ventos fazem de São Miguel do Gostoso um importante destino turístico no contexto internacional no que se refere à prática de esportes de aventura de natureza náutica (*kitesurf* e *windsurf*), o que afere ao lugar o *status* de destino especializado nesse segmento de mercado, voltado para a natureza e para as singularidades do lugar. Contudo, os ventos também movimentam a economia por outro prisma, por meio da geração de energia eólica, fonte de energia ambientalmente correta e sustentável em longo prazo.

No caso da geração de energia eólica, existe um conflito social eminente no município, devido ao fluxo de centenas de trabalhadores masculinos que circulam na região para trabalhar nesse setor produtivo, eles acabam se envolvendo com as pessoas do lugar (homens e mulheres), preferencialmente, jovens e adolescentes do sexo feminino, ocasionando diversos casos de gravidez na cidade, o que gera um problema de cunho social que requer destreza política e sociocultural para tal enfrentamento.

Apesar das tensões sociais que se estabeleceram em São Miguel do Gostoso em vários aspectos da vida em sociedade, os ventos também sopram a favor da cidade, que poderá ser conhecida, internacionalmente, como sendo a “cidade dos ventos”. Ventos esses que impulsionam as principais atividades econômicas modernas (turismo, esportes e geração de energia eólica) do município. Embora, as atividades estejam com o sinal de alerta ativado em relação aos efeitos danosos que podem ser catastróficos nesse tipo de destino turístico, o destino insere-se no mundo globalizado como uma pequena cidade do litoral potiguar voltada para as culturas da pesca e agricultura (atividades econômicas primeiras, tradicionais), que há poucos anos despertou para a atividade turística e para as novas funcionalidades existentes na cidade no campo econômico, que podem contribuir para o desenvolvimento da população residente em todas as dimensões do contexto social.

Nesse texto, procurou-se aprofundar a concepção de turistificação com base nos estudos teóricos de Remy Knafo, chegando-se ao entendimento que o processo que leva a turistificação de determinado espaço apropriado para fins turísticos, é dotado de forma e conteúdo e que cada processo adotado leva a determinado resultado. Esse entendimento de turistificação está em fase de desenvolvimento intelectual e necessita de maior reflexão teórica-metodológica, mas coloca-se como um ponto de partida para novas análises no campo da pesquisa em turismo das realidades empíricas existentes.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA [ABETA]. Atividades de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Recuperado em 04 de maio 2015 de <<http://www.abeta.tur.br/index.php/atividades>>

- ALMEIDA FILHO, P. G. de. (2104). “Aqui se faz Gostoso”: uma etnografia do turismo em São Miguel do Gostoso/RN. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Natal: UFRN
- BOURDIEU, P. (2010) O Poder Simbólico. - 14 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- CAMARGO, L. O. de L. (2004). Hospitalidade. 2 ed. – São Paulo: Aleph
- CRUZ, R. de C. A. da. (2001). Política de Turismo e Território. – 2 ed. – São Paulo: Contexto
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Censo 2010. Recuperado em 13 de junho 2016 de < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241255&search=rio-grande-do-norte|sao-miguel-do-gostoso|infograficos:-informacoes-completas>>
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE [IDEMA]. (2008). Perfil do Seu Município: São Miguel do Gostoso. Natal: IDEMA
- GOMES, R. de C. da C. (1997). Fragmentação e Gestão do Território no Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Geografia). Rio Claro: UNESP
- KNAFOU, R. (1996). Turismo e Território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org.) (1996). Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec.
- PORTAL DE NOTÍCIAS G1 RN. RN tenta superar obstáculos para explorar potencial da energia eólica. Recuperado em 04 de maio de 2015 de < <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2015/01/rn-tenta-superar-obstaculos-para-explorar-potencial-da-energia-eolica.html>>
- TAVEIRA, M. da S. (2015). Turismo e comunidades de praia: São Miguel do Gostoso no caminho do mar e na direção dos ventos. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Natal: UFRN.